



O caso Roberto Machado: um percurso intelectual e uma vida afirmativa

The Roberto Machado case: an intellectual journey and an affirmative life

José Nicolao Julião¹
jnjnicolao@gmail.com

Resumo: Este ensaio, sobre o percurso intelectual do RIP Professor Roberto Machado, tem como fonte: as minhas conversas com ele ao longo dos quase 40 anos de convívio, primeiramente como aluno de graduação no curso de filosofia da UFRJ, depois como orientando de mestrado e amigo; as suas publicações e aulas; o testemunho de amigos; e o seu currículo publicado na Plataforma Lattes. O objetivo do ensaio é o de apresentar para as gerações mais novas como se constituiu a formação de um dos mais influentes pensadores brasileiro nas últimas décadas no domínio da filosofia, enfatizando as matrizes de suas ideias, sobretudo, advindas das filosofias de Foucault, Nietzsche e Deleuze, valorizando delas os aspectos críticos à racionalidade, à conexão causal, à teleologia, e o caráter afirmativo e intenso da vida.

Palavras-chave: diferença, afirmação, intensidade

Abstract. This essay, on the intellectual trajectory of RIP Professor Roberto Machado, has as its source: my conversations with him over the nearly 40 years of life, first as an undergraduate student in the philosophy course at UFRJ, then as a master's adviser and friend; his publications and classes; the testimony of friends; and your resume published on Plataforma Lattes. The objective of the essay is to present to the younger generations how the formation of one of the most influential Brazilian thinkers in the last decades in the field of philosophy was constituted, emphasizing the matrix of his ideas, above all, arising from the philosophies of Foucault, Nietzsche and Deleuze, valuing the critical aspects of rationality, causal connection, teleology, and the affirmative and intense character of life.

Key words: difference, affirmation, intensity

1 Professor Titular da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro e pesquisador do CNPq.

Introdução

Roberto Machado morreu, quase que abruptamente, no dia 19 de maio de 2021, aos 79 anos de idade, deixando todos nós consternados. E quando digo “todos nós”, é porque a extensão abrangente da influência da sua obra e pessoa extrapola o âmbito da filosofia e da academia e, assim, ele contagiou: historiadores sociais, antropólogos, pedagogos, psicólogos e psicanalistas, além de atores, dramaturgos e músicos. Há marcas da sua trajetória acadêmica e cultural sobre os diversos colegas nas universidades brasileiras e também no exterior, onde os seus livros compõem o acervo de diversas bibliotecas; no campo das artes, além de ter prestado assessoria para diversas produções teatrais e cinematográficas e ter atuado como roteirista e ator (figurante) em filmes, é destacada a sua ascendência intelectual sobre o dramaturgo e amigo Hamilton Vaz Pereira e o artista multimídia Caetano Veloso.

Roberto Machado começou sua formação como aluno do Colégio Marista do Recife de orientação católica fortemente disciplinar e repressora, representado pelo símbolo do Olho da Providência que tudo vê e pune, o qual, ele, às vezes, brincava com a ideia foucaultina de sociedade disciplinar. Posteriormente foi aluno da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), onde teve como professor Ariano Suassuna, de quem se orgulhava por ter herdado o conceito de aula espetáculo. Durante os anos como universitário (1962 - 1965), Roberto Machado teve uma ativa ação política como membro da Juventude Universitária Católica (JUC) e da Ação Popular, participando de diversos movimentos populares e, até mesmo, de ações clandestinas convocadas por Dom Hélder Câmara. Após a graduação em Filosofia, ele ingressou diretamente como aluno de mestrado na Université Catholique de Louvain, na Bélgica, onde defendeu, em 1969, sua dissertação, intitulada *La démarche fondationnelle chez Husserl* e, anos depois, em 1981, sua tese de doutorado *Science et savoir. La trajectoire de l'archéologie de Foucault*, ambas sob a orientação de Jean Antoine Ladrière, um dos mais eminentes professores daquela universidade, à época. Jean Ladrière fez parte de um movimento não ordenado da filosofia europeia na tentativa de conciliar as duas grandes tradições da filosofia contemporânea, a Fenomenologia e a Filosofia Analítica, tendo orientado também outros brasileiros como, por exemplo, o R.I.P professor Balthazar Barbosa Filho (analítico) e a professora Creusa Capalbo (fenomenóloga). Após a defesa da sua dissertação, Roberto Machado foi para a Universidade de Heidelberg, na Alemanha, como aluno ouvinte, durante os anos de 1969 e 1970. Nesta ocasião, ele se encontrava meio perdido, pois terminara seus estudos sobre Husserl sem perspectiva de continuidade e a alternativa que a Escola de Heidelberg lhe apresentava, especialmente, com o jovem filósofo Ernest Tugendhat, não lhe alimentou interesse. Tugendhat, na Alemanha, de certa maneira, desempenhava um papel semelhante ao de Ladrière, na Bélgica, só que com muito mais desempenho, na tentativa de aproximação da Fenomenologia com a Filosofia Analítica da Linguagem, ele havia escrito em 1967, *Der Wahrheitsbegriff bei Husserl und Heidegger*, obra de fôlego na qual apresentava os

dois mais importantes filósofos da tradição fenomenológica como elaboradores de uma concepção de verdade alternativa à da filosofia Analítica, o que, *a prima facie*, despertou o interesse de Roberto Machado, contudo, logo depois, lhe frustrando, pois o filósofo alemão, em 1969, começara a sua *Umkehr* que desembocaria em 1976, em sua obra *Vorlesungen zur Einführung in die sprachanalytische Philosophie*. Do tempo da Alemanha, Roberto Machado estreitou laços de amizade duradora com o R.I.P Marcos Lutz Müller – que também nos deixou recentemente (15/09/2020) – que, neste período, se encontrava em Heidelberg, desenvolvendo a sua tese de doutorado sobre Sartre orientada por Tugendhat. Em 1970, ele retorna ao Brasil com uma nova missão, a de ser professor universitário, primeiramente, por apenas um ano letivo, na Universidade Federal da Paraíba (UFPB) – junto com o casal Loparic –; depois, em 1971 até 1982, na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ) e, concomitantemente, foi professor no Instituto de Medicina Social, da UERJ, durante os anos de 1974 a 1979. Neste período, da primeira década de ensino, Roberto Machado que vinha lecionando, principalmente, as disciplinas de História da Filosofia e Filosofia da Ciência, depois de se aventurar na leitura de *Conhecimento e Interesse*, de Habermas, na sua busca de uma alternativa à dicotomia Fenomenologia-Filosofia Analítica, ele depara com *Les mots et les choses: Une archéologie des sciences humaines*, de Michel Foucault. Coincidentemente, Foucault, que já estivera no Brasil, em 1965, na Universidade de São Paulo (USP) e se tornara um célebre intelectual, a partir de 1973 até 1976, passa a vir frequentemente ao Brasil, e, notadamente, na PUC-RJ, onde pronunciou diversas conferências, publicadas como *A verdade e as formas jurídicas* (1973), traduzidas por Roberto Machado. Foucault se tornou, deste modo, um amigo muito especial para o Roberto Machado, que passou a frequentar seus cursos de semestre de inverno, no *Collège de France*, de 1973 até 1980.

Roberto Machado encontrou o que procurava

Roberto Machado encontrara o que estava procurando, algo que despertasse o seu interesse filosófico, poderíamos dizer sem exageros que foi o seu afeto intelectual por Foucault, que lhe impulsionou filosoficamente, ou seja, toda a sua produção relevante, parte deste encontro, como um encontro alegre, para usar um jargão espinosista-deleuziano,² com o qual, ele, às vezes, explicava, com bom humor, a sua relação de amizade com o filósofo francês. A filosofia de Foucault, não se tornou apenas ferramenta para os estudos do Roberto Machado, mas também, objeto de pesquisa da sua tese de doutorado, defendida, em 1981, tardiamente, pois

2 Spinoza, na *Ética*, III, Def. 3, diz: “Por afeto compreendo as afecções do corpo, pelas quais sua potência de agir é aumentada ou diminuída”. (Spinoza, 1965, p. 135) Num encontro, portanto, as relações podem aumentar ou diminuir sua capacidade de agir. Um afeto de alegria acontece quando uma afecção nos leva para uma potência maior de ser e agir no mundo; isso porque encontramos um corpo que combina com o nosso, que possui propriedades que se compõem com as nossas; por sua vez, um afeto de tristeza acontece quando uma afecção nos rebaixa para uma condição menor de potência. Cf. Deleuze (1968, p. 197-213).

demorou certo tempo para assimilar e elaborar sistematicamente a Arqueologia do saber foucaultiana, se tornando um dos primeiros trabalhos sobre o filósofo. Durante a elaboração da sua tese, Roberto Machado coordenou uma pesquisa junto ao Instituto de Medicina Social, da UERJ, que resultou na admirável *Danação da norma: a medicina social e constituição da psiquiatria no Brasil* (1978), produto de um trabalho de colaboração interdisciplinar que é considerado por pesquisadores das áreas de História social e Psiquiatria como uma obra seminal para se compreender o surgimento das pesquisas sobre as doenças mentais no Brasil, que reúne estudos fortemente influenciados pela obra de Michel Foucault a *História da loucura* (1961). E também, organizou e fez a introdução da coletânea de ensaios *Microfísica do Poder*, em 1979, que ganhou uma cara nova na edição brasileira. É importante frisar ainda, que os temas tratados nesta coletânea foram produzidos ao longo da segunda metade da trajetória intelectual de Foucault, nomeadamente, genealogia do poder e versam sobre as prisões, casas de loucos, hospitais, a sexualidade, a genealogia de Nietzsche etc., e que Roberto Machado, à época, elaborava a sua tese de doutorado sobre a primeira fase foucaultina, arqueologia do saber. Em sua seminal introdução à *Microfísica do poder*, Roberto demarca o deslocamento da questão da arqueologia para a da genealogia, ou seja, como os saberes emergiram e se transformavam fortemente marcado pela discursividade, deu lugar à questão do o *porquê* dos saberes (?), tendo uma preocupação, eminentemente, com as investigações históricas acerca do problema do poder como instrumento de análise capaz de explicar a produção dos saberes.

Em sua tese, defendida dois anos depois, em 1981, e traduzida no mesmo ano para o português, pela Editora Graal - *Ciência e Saber. A Trajetória da Arqueologia de Foucault*, Machado estava preocupado em apresentar a *démarche* da arqueologia de Michel Foucault, dando ênfase demasiada a sua herança da tradição epistemológica francesa, evidentemente, fundamental, pois fornece o instrumental metodológico para as análises que o filósofo faz em suas obras deste período. Porém, a questão mais fundamental ainda, para ele, embora não totalmente desenvolvida, foi levantada em *As palavras e as coisas*. Nesta obra, Foucault apresentou a tese, segundo a qual as Ciências Humanas emergiram, na modernidade, através das transformações ocorridas no nível dos saberes que possibilitaram o surgimento das ciências empíricas – economia, biologia e filologia – e, ao mesmo tempo, um tipo de filosofia transcendental. Desta forma, emerge o homem, tanto como objeto de experiência das ciências empíricas quanto objeto transcendental da filosofia (pensemos aqui na antropologia de Kant e a questão que ela edifica “*Was ist der Mensch?*”, tal como Foucault a compreendeu), ou seja, como sendo a condição de possibilidade, a própria representação tal como as Ciências Humanas o estudam. Foucault se propõe a realizar, então, uma *arqueologia* das Ciências Humanas sem atender ao método tradicional de hierarquia e organização dos saberes em correspondência com os fatos ocorridos num determinado período, por dado sujeito

e em certo contexto, em uma conexão causal. A história do saber que ele nos propõe apresentar é, portanto, dinâmica, descentralizada, não hierarquizada, descontínua e não unitária, rompendo a cadeia causal, ela é construída através de um instrumental categorial, tal como, por exemplo, enunciado, prática discursiva, episteme, etc. Essas características da arqueologia do saber, por sua vez, são discerníveis através da análise do discurso, no qual o sujeito discursivo, segundo Foucault, seguindo aqui o diagnóstico nietzschiano do humanismo, tem uma história recente e tão precária que o seu fim já está próximo, a ponto de afirmar que:

O homem não é o mais velho problema nem o mais constante que se tem posto ao saber humano. Escolhendo uma cronologia relativamente curta e um espaço geográfico restrito — a cultura europeia desde o século XVI —, pode-se estar certo de que o homem é uma inovação recente. Não foi em torno dele e dos seus segredos que, por longo tempo, obscuramente, o saber circulou. De fato, entre todas as mutações que afetaram o saber das coisas e da sua ordem, o saber das identidades, das diferenças, dos caracteres, das equivalências, das palavras — em suma, no meio de todos os episódios desta profunda história do *Mesmo* —, um único, aquele que começou há um século e meio e que talvez esteja em vias de se encerrar, deixou aparecer a figura do homem. (...) O homem é uma invenção, e uma invenção recente, tal como a arqueologia do nosso pensamento o mostra facilmente. E talvez ela nos indique também o seu próximo fim. (Foucault, 1981, p.404)

Muito embora, Roberto Machado tenha dando ênfases a filiação foucaultina à epistemologia francesa e também tenha considerado certos aspectos do Estruturalismo — uma vez que ele próprio foi althusseriano —, o ponto fulcral do seu interesse passou a ser o aspecto emergencial do surgimento do objeto das Ciências Humanas, ou seja, como emergiu o homem enquanto objeto de determinado saber a partir de uma relação não causal, entretanto, contingente de certos saberes. E essa ideia além, evidentemente, de estar relacionada à concepção de corte epistemológico de Gaston Bachelard, com a qual ele combate a visão progressiva positivista das ciências, em sua época, e mostra como determinados saberes surgem a partir de uma relação de ruptura com os saberes que os antecedem e, isto se estendendo à compreensão de episteme do Estruturalismo, Foucault também tinha em mente a filosofia de Nietzsche, que Machado não dera a atenção devida em sua tese, contudo em sua introdução à *Microfísica do Poder* foi bastante considerado, principalmente, o ensaio “Nietzsche, a genealogia e a história”, no qual, a questão da busca, da proveniência, da emergência e da invenção dos nossos conceitos, juízos e sentimentos morais em oposição à busca da origem, foi mencionada, lançando luz sobre a busca arqueológica.

A ascendência de Nietzsche sobre Foucault é constante em toda sua trajetória intelectual. O historiador, Paul Veyne, quando afirma a respeito da influência da genealogia de Nietzsche sobre o pensamento de seu compatriota, diz: “a obra de

Foucault inteira é uma continuação de *A genealogia da moral* nietzschiana: ela busca mostrar que toda concepção que acreditamos eterna tem uma história, ‘deveio’, e que suas origens nada têm de sublime.” (Veyne, 2011, p. 187). Embora possa ser verdade ou pelo menos plausível que haja uma constância da influência de Nietzsche sobre Foucault, desde as suas primeiras obras do final dos anos 50 e as da década de 60³, inseridas ainda no período da arqueologia do saber, a ponto dele mesmo revelar que a sua “[...] arqueologia deve mais à genealogia nietzschiana do que ao Estruturalismo propriamente dito,” (Foucault, 1994^a, p.559)⁴, a incidência do filósofo alemão em sua obra tornou-se mais visível a partir do Colóquio de Royaumont, em 1964, quando foi apresentado o ensaio “Nietzsche, Freud, Marx”, ganhando relevo de destaque principalmente no ensaio supracitado da *Microfísica do poder*. Em “*Nietzsche, a genealogia e a história*”, Foucault estabelece uma distinção filológica, sem a autorização de Nietzsche – bem própria de suas torções interpretativas –, entre *Ursprung* (origem), por um lado, e *Herkunft* (proveniência), *Abkunft* (descendência), *Entstehung* (surgimento, de onde emerge), *Geburt* (nascimento) e *Erfindung* (invenção), por outro lado. Segundo Foucault, essa é base que permite ao “genealogista” Nietzsche colocar a questão da origem de forma adversa daquela da grande tradição metafísica. Pois, para Nietzsche, a questão da fundamentação moral, em *A genealogia da moral*, não diz respeito à busca da essência, tal como se estabeleceu na tradição metafísica, a busca da origem da conexão causal, mas à busca da proveniência, da emergência e da invenção dos nossos conceitos, juízos e sentimentos morais.

E, desta forma, a partir de 1982, Nietzsche passa a ganhar primazia nos estudos do Roberto Machado que coincidentemente devido a uma perseguição política da reitoria da PUC-RJ a um grupo de professores, à época, pede demissão e passa a compor o quadro do Departamento de Filosofia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), primeiramente como professor visitante, depois, em 1984, como professor titular até se aposentar em 2012. A entrada definitiva para a UFRJ como professor titular se deu mediante concurso, no qual Roberto Machado proferiu uma aula sobre Espinosa e apresentou o seu livro *Nietzsche e a verdade* (1984) a uma banca composta pelos professores: Arthur Giannotti (USP), Valério Rohden

3 Pensamos aqui no prefácio de 1961 à *História da loucura na época clássica*, intitulado, “*Loucura e desrazão*”, que foi suprimido depois, em 1972, das edições seguintes da obra, no qual, a presença, ainda tímida, de Nietzsche, na filosofia de Foucault, representava junto com a do pintor holandês Jeroen Bosch e do dramaturgo francês Antonin Artaud a continuidade da desrazão como dimensão constitutiva e originária da cultura ocidental ao lado da razão que a partir do antagonismo com ela se nutriu e se fundamentou. Pensamos também na enigmática passagem conclusiva do seu comentário introdutório à tradução que fizera da *Antropologia de um ponto de vista pragmático*, de Kant, na qual diz: “A trajetória da questão ‘*was ist der Mensch?*’ no campo da filosofia se conclui na resposta que a recusa e a desarma: *der Übermensch?* (super-homem)”. Cf. *Introduction à l’Antropologie de Kant*. Thèse de doctorat complémentaire. Paris, 1961, p. 127-28. Pensamos ainda, no prefácio ao *Nascimento da clínica*, de 1963, no qual, Foucault compara a crítica de Nietzsche com a de Kant. Cf. *Nascimento da clínica*, prefácio, XIV.

4 Cf. a segunda entrevista concedida à R. Bellour: “Sur Le façon d’écrire l’histoire”.

(UFRGS), Benedito Nunes (UFPA), Antônio Guido de Almeida (UFRJ) e Gerd Bornheim (UFRJ). Muito embora, Machado jamais tenha abandonado Foucault, prova disto, são: a coordenação da tradução dos dois últimos volumes da *História da sexualidade*, que foram editados simultaneamente com a edição francesa; e os dois livros elaborados depois, *Foucault, a filosofia e a literatura* (2000) e *Impressões de Michel Foucault* (2017) - inclusive este último, trata-se do seu mais recente trabalho publicado em vida. Contudo, em suas aulas, ele só retonou a Foucault em dois cursos, um, em 1984 - ano da morte do filósofo -, sobre *As palavras e as coisas* e o outro, para a pós-graduação, em 1992, mesmo assim, acerca do livro de Deleuze, *Foucault* (1986). De 1982 a 1984, com exceção do curso para graduação sobre Foucault, Roberto Machado ministrou aulas sobre Nietzsche, principalmente, acerca do *Nascimento da tragédia*, retomando os estudos apresentados em *Nietzsche e a verdade*, com forte apelo à questão do surgimento da tragédia ática e a crítica ao racionalismo socrático, mas já começava a aparecer também a interpretação deleuziana que passará a ser dominante na sua compreensão do filósofo alemão. Essas aulas eram de grande repercussão e atraíam além de alunos do Instituto de Ciências Sociais (IFCS) da UFRJ, artistas, psicanalistas.

Em 1985, Roberto Machado partiu para uma missão de estudos de pós-doutorado, na Université Paris 8 - Vincennes-Saint-Denis, na França, com apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico (CNPq) e sob a coordenação de Gilles Deleuze, retornando no final de 1986. Em seu retorno, Roberto Machado coordenou e traduziu, conjuntamente, com o professor Luiz Orlandi (UNICAMP), *Diferença e repetição* e também *Proust e os signos*, em colaboração com Antonio Piquet. Suas aulas na pós-graduação, desde o retorno, foram apenas sobre a filosofia de Deleuze até 1992, resultando como produto desses estudos *Deleuze e a Filosofia* (1990); reservando à graduação, cursos sobre Nietzsche, principalmente, em torno do *Assim falou Zaratustra*. Em seus cursos de pós-graduação, ele abordou diversas obras de Deleuze, como: *Nietzsche e a filosofia*; *Diferença e Repetição*; *Espinosa e o problema da expressão*; *Lógica do sentido*; *Foucault* e os dois livros sobre o cinema. Muito embora abordasse temas diversos, Roberto Machado tinha uma sistematização de leitura: primeiro, que a questão central da filosofia de Deleuze é: o que é o pensamento? E que este não é uma prerrogativa da filosofia, outras áreas do saber e as artes também pensam, mesmo que com outros elementos, sendo uma característica da filosofia pensar conceitualmente; segundo, que o que Deleuze busca é uma concepção de pensamento diferencial, fundamentado nas noções de síntese disjuntiva, diferenciador da diferença e gênese de intensidade, em oposição à imagem representativa do pensamento; terceiro, que apesar de não haver uma primazia da filosofia sobre os outros domínios do ponto de vista da criação do pensamento, sendo Deleuze um filósofo, é, principalmente, através da repetição diferencial dos filósofos por ele privilegiado que a sua filosofia se constitui.

Indo nesta direção, Roberto Machado retoma as suas leituras de Nietzsche, em seus cursos da pós-graduação, principalmente do *Assim falou Zaratustra*, nesta época, ele estava preocupado em compreender como funcionavam os dois conceitos-chaves da filosofia nietzschiana, eterno retorno e vontade de potência, levando em consideração a forma como Deleuze os concebia com as noções de diferenciador da diferença (eterno retorno) e de gênese de intensidade (vontade de potência).

De modo geral, Roberto Machado tinha como compreensão da interpretação de Deleuze a distinção que ele estabelece entre vontade de potência e força, baseado no seguinte fragmento de Nietzsche: “Esse conceito de força vitorioso, graça ao qual, nossos físicos criaram Deus e o universo necessita de um complemento: é preciso atribuir-lhe um querer interno que chamarei de vontade de potência [...]” (Nietzsche, 1988, *KSA*, XI, p. 563), do qual considera a vontade como princípio interno que complementa e determina as forças que são indeterminadas e dependentes dela. A ideia geral é que a vontade de potência é o **princípio genético e diferencial** das forças, isto é, princípio interno de produção e determinação delas. As forças são empíricas, estabelecidas por quantidades e qualidades (ativas e reativas) que correspondem às qualidades da vontade (afirmativa e negativa), que são transcendentais, intensivas. A vontade de potência faz com que as forças ativas afirmem, e afirmem a sua própria diferença: nelas, a afirmação é primeira, a negação não passa de uma consequência. Entretanto, a vontade também é negativa, caracterizando então o devir reativo das forças. As forças reativas se opõem primeiro àquilo que elas não são: nelas a negação é primeira, e é pela negação que atingem uma aparência de afirmação. Todavia, ocorre um “estranho fenômeno”, onde as forças reativas triunfam e a negação sai vitoriosa na vontade de potência. A vitória comum da vontade negativa e das forças reativas chama-se niilismo. Deleuze compreende o conceito de niilismo, analisando-o em sua relação de composições entre as qualidades da vontade de potência com as qualidades da força que promove, conseqüentemente, as suas etapas. Essas etapas são necessárias para a superação ou a transmutação do niilismo. Nelas, percebemos como o “niilismo negativo” é suplantado pelo “niilismo reativo” e este pelo “niilismo passivo” que, por sua vez, sofre uma “destruição ativa”. Segundo Deleuze, é a vontade de nada, qualidade negativa da vontade de potência, que faz com que as forças reativas triunfem; mas chega o momento, em que essas forças reativas suportam cada vez menos ser dirigidas; querem triunfar sozinhas. Portanto, as forças reativas rompem sua aliança com a vontade negativa, instaurando o niilismo reativo, tomando, assim, o lugar da vontade que as dirigia, pois para as forças reativas é melhor não ter nenhuma vontade do que ter vontade de nada – tal como indica a última frase da *GM*. Como, porém, as forças nelas mesmas não são capazes de se determinarem, irão se extinguir passivamente. O niilismo passivo é o fim extremado do niilismo reativo. Entretanto, para além de uma destruição passiva, há também uma “destruição ativa” da vontade. É neste ponto, que Deleuze analisa o eterno retorno e sua relação com o niilismo. Ao romperem suas alianças com a vontade de nada, as forças fazem com

que a vontade negativa rompa suas alianças com as forças reativas. Destruição ativa significa, então, o ponto, o momento da transmutação da vontade de nada, ou seja, o momento em que, estando rompida a aliança entre as forças reativas e a vontade de nada, esta última se “converte” e passa para o lado da afirmação, relacionando-se com um poder de afirmar que destrói as próprias forças reativas. A destruição ativa é, em última instância, a negação convertida em afirmação. Eis, segundo Deleuze, o momento decisivo do pensamento de Nietzsche – o momento do eterno retorno –, quando a afirmação torna-se a essência ou a própria vontade de potência; quanto ao negativo, ele ainda subsiste, mas subordinado à afirmação, como agressividade própria da afirmação. Pois não existe uma afirmação que não seja seguida imediatamente de uma negação. A negação deixa de ser a qualidade primeira da vontade de potência e passa a ficar a serviço da afirmação. Somente assim a negação torna-se ativa e a destruição torna-se alegre. Todavia, para compreender a afirmação como a mais elevada potência da vontade, é necessária analisar enfim a “dupla seletividade” do eterno retorno, pois é nela que fica manifesto que o negativo não retorna, somente retorna o que afirma. Segundo Deleuze, “o segredo de Nietzsche é que o eterno retorno é seletivo, e duplamente seletivo.” (Deleuze, 1962, p. 37) Primeiramente, como pensamento, porque nos dá uma lei, uma regra para a autonomia da vontade: “o que quer que se queira, se deve querê-lo de tal modo que se queira o eterno retorno” (ibidem); o eterno retorno como pensamento seletivo elimina, desta forma, o mundo dos semiquerereres, as meias vontades, o mundo niilista. Contudo, o eterno retorno é também ser seletivo, pois somente a afirmação retorna no retorno, toda negação é expulsa do próprio movimento do eterno retorno. É essa afirmação compreendida como a mais elevada forma da potência que caracteriza o eterno retorno da diferença.

Essa interpretação foi a chave de leitura para Roberto Machado ler o *Assim falou Zaratustra*, associando ela, a secreta interpretação de Harold Alderman⁵ “*Origin and telos. A reconstruction of the relation between The birth of Tragedy and Thus spoke Zarathustra*”, que ele não menciona e que lhe possibilitou uma ponte entre *Za* e a obra inaugural. Desta forma, Machado elaborou seu livro *Zaratustra, tragédia nietzschiana* (1997), retomando o tema da tragédia a partir da hipótese interpretativa, segundo a qual, *Za* seria o canto que Nietzsche deveria ter dado, à época, da composição de o *Nascimento da tragédia*, tal como o filósofo dissera mais tarde no prefácio tardio à obra. Nietzsche no texto de autocrítica ao *Nascimento da tragédia* considera que a forma como escreveu a obra foi equivocada, pois a crítica à racionalidade ali explicitada, deveria ter sido apresentada em forma poética, ou seja, na forma de um pensamento trágico. O *Assim falou Zaratustra* expressaria, portanto, segundo Roberto Machado, exatamente as exigências de um pensamento trágico tal como Nietzsche o concebeu, articulando-o a partir de um aparato “conceitual” próprio e bastante original, apresentado nesta obra, como vontade de potência,

5 Cf. Alderman (1980)

eterno retorno, morte de Deus, niilismo e super-homem e que geralmente são tomados como os conceitos chaves da filosofia nietzschiana. Machado tinha em mente em sua reflexão sobre o *Za*, portanto, o esquema interpretativo deleuziano que apresentamos acima. Contudo, muito embora tenha usado Deleuze para compreender Nietzsche e vice-versa, compreendeu Deleuze a partir de Nietzsche, o que mais lhe surpreendeu e ele tomou como ensinamento para si mesmo foi o aspecto afirmativo de ambas as filosofias, o dizer sim à vida como uma marca indelével do pensamento trágico.

Com *Zaratustra, tragédia nietzschiana*, Roberto Machado construiu um encadeamento perfeito de seus estudos que giram em torno de Foucault, Nietzsche e Deleuze, retornando a Nietzsche. Com este livro, também, ele inaugura a coleção de Estética da Editora Zahar, a qual, ele passa a coordenar e pela qual reedita quase todos os seus livros anteriores e edita os posteriores - com exceção de *Impressões de Michel Foucault*. Foram editados pela Zahar: *Foucault, a filosofia e a literatura* (2000); *O nascimento do trágico: de Schiller a Nietzsche* (2006); *Foucault, a ciência e o saber* (2006); *Deleuze, a arte e a filosofia* (2009). Apesar de em sua grande maioria, os estudos subsequentes gravitarem em torno da tríade Foucault-Nietzsche-Deleuze, há um destaque para *O nascimento do trágico: de Schiller a Nietzsche*, livro no qual, Roberto Machado desfila erudição e elegância estilística, para mostrar que a reflexão de Nietzsche sobre o pensamento trágico está vinculada a uma tradição, sobretudo, alemã que vem desde Schiller. Nos últimos anos, Roberto Machado vinha se dedicando as leituras de Proust fortemente influenciado pela interpretação deleuziana, mas que remontam aos anos 80, quando ele traduziu o livro *Proust e os signos* e com um grupo de alunos e amigos lia *Em busca do tempo perdido*, no Posto 9, em Ipanema.

Referências bibliográficas

- ALDERMAN, Harold. 1980. "Origin and telos. A reconstruction of the relation between The birth of Tragedy and Thus spoke Zarathustra". *Research in Phenomenology*, 10.
- DELEUZE, Gilles. 1962. *Nietzsche et la Philosophie*. Paris: PUF.
- _____. 1965. *Nietzsche*. Paris: PUF.
- _____. 1968a. *Différence et Répétition*. Paris: PUF.
- _____. 1968b. *Spinoza et Le problème de l'expression*. Paris: Les Édition de Minuit.
- _____. 1969. *Logique du Sens*. Paris: Les Édition de Minuit.
- _____. 1877. *Dialogues avec C. Parnet*, Paris: Flammarion.
- _____. 1986. *Foucault*. Paris: Les Édition de Minuit.
- DELEUZE, G. & GUATTARI, F. 1980. *Mille Plateaux*. Paris: Les Édition de Minuit.
- FOUCAULT, M. 1981. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. São Paulo: Martins Fontes.
- _____. 1961. *Introduction à l'Antropologie de Kant*. Thèse de doctorat complémentaire. Paris.
- _____. 1994a. *Dits et écrits, I (1954-1969)*. Paris: Gallimard.
- _____. 1994b. *Dits et écrits, II (1970-1975)*, Paris: Gallimard.
- _____. 1994c. *Dits et écrits, III (1976-1979)*, Paris: Gallimard.
- _____. 1994d. *Dits et écrits, IV (1980-1988)*. Paris: Gallimard.
- _____. 1979. "Nietzsche, a genealogia e a história". In: *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal.
- _____. 1977. *Nascimento da clínica*. Rio de Janeiro: Ed. Forense Universitária.
- _____. 1961. *Introduction à l'Antropologie de Kant*. Thèse de doctorat complémentaire. Paris.
- _____. 1967. "Nietzsche, Freud, Marx". In *Nietzsche. Cahiers de Royaumont*. Paris: Les Édition de Minuit,
- _____. 1984a. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes.
- _____. 1984b. "O retorno da moral". Barbedette, Gilles e Scala, André. Entrevista de. Les Nouvelles, em 29/5/1984. In: ESCOBAR, Carlos Henrique (org.). Michel Foucault (1926- 1984) - O Dossier - últimas entrevistas. Rio de Janeiro, Livraria Taurus Editora.
- _____. 2004. *História da Loucura na idade clássica*. 7ª ed. São Paulo: Editora Perspectiva.
- _____. 1988. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. 15ª ed. Rio de Janeiro: Edições Graal.
- MACHADO, Roberto. 2017. *Impressões de Michel Foucault*. 1. ed. São Paulo: N-1 Edições.
- _____. 2009. *Deleuze, a arte e a filosofia*. Rio de Janeiro: Zahar.

- _____. 2006. *O nascimento do trágico: de Schiller a Nietzsche*. 1ª. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- _____. 2005. *Nietzsche e a polêmica sobre O nascimento da tragédia*. 1. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- _____. 2000. *Foucault, a filosofia e a literatura*. Rio de Janeiro: Graal.
- _____. 1997. *Zaratustra, Tragédia Nietzscheana*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor.
- _____. 1990a. *Deleuze e a filosofia*. Rio de Janeiro: Graal, 1990.
- _____. 1990b. Sophie Poirot-Delpech (Org.) *Hermes, uma filosofia das ciências*. Rio de Janeiro: Graal.
- _____. 1984. *Nietzsche e a verdade*. 02. ed. Rio de Janeiro: Rocco.
- _____. 1981. *Ciência e Saber. A Trajetória da Arqueologia de Foucault*. Rio de Janeiro: Graal.
- MACHADO, R. C. M. (Org.); FOUCAULT, M. (Org.). 1979. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal.
- MACHADO, R. C. M.; LOUREIRO, A. ; LUZ, R. ; MURICY, K. 1978. *Danação da Norma. Medicina Social e A Constituição da Psiquiatria No Brasil*. Rio de Janeiro: Graal.
- _____. 1974. "A Arqueologia do Saber e A Constituição das Ciências Humanas". Discurso. Revista do Dep. Filosofia da Universidade de São Paulo, v. 05, p. 87-118.
- NIETZSCHE, Friedrich. 1988. *Kritische Studienausgabe*. In: 14 B. – Herausgegeben von G. Colli und M. Montinari. Berlin/New York: Walter de Gruyter: dtv/Walter de Gruyter.
- SPINOZA, B. 1985. *Ethique*. Paris: GF Flammarion.
- VEYNE, Paul. 2011. *Foucault: seu pensamento, sua pessoa*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Revista digital: www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/modernoscontemporaneos



This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License.